

CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL J. CHRYS CHRYSTELLO

J. CHRYS CHRYSTELLO

40 ANOS de
vida literária



CRÓNICA DO
QUOTIDIANO
INÚTIL



2012





Com o apoio de:



AICL – Associação
Internacional
dos Colóquios da
Lusofonia



CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL VOL. 5 (2010-2012)

J. CHRYS CHRYSTELLO

500.. **ilharias** (ao vasco pereira da costa)

a ilha quilha
que ilha? a ilha

parto num parto precoce
náufrago em terra
açores à vista

as lhas – que ilhas?

nascidas do fogo
enterradas por vulcões
tremidos

tremuras

ternuras atlânticas

atlântidas

ilhas cativas

no tempo e no espaço

perdidas nas brumas

no basalto e na lava

piratas

corsários

aprisionam poetas

geram autores

concebem amores

ritos e crenças

benzeduras

contra doenças e maleitas

há momentos como este
que deviam ficar eternos
parados no tempo

tudo pela ilha

tudo pelas ilhas

obrigado Vasco

por desvendares estes nossos mares

saco grosso, floriipa, santa catarina, brasil, 7 abril 2010

501 partir ii (à concha rousia e a uma galiza lusófona)

partir!

cortar amarras

como se ficar fosse já um naufrágio

ficar

como quem parte nunca

partir

como quem fica nas asas do tempo

partir!

cortar grilhetas

como se viver fosse uma morte adiada

vencer ameias

cortar amarras

velas ao vento

olhar o mundo

descobrir liberdades

esta a mensagem

levar o desespero

ao limiar

até erguer a voz

sem medos

até rasgar as pedras

e o ventre úbere

semear desencanto

sorrir

à grande utopia

nascer

de novo

dar o salto

transpor a fronteira

entre o ter e o ser


imaginar

como só os loucos sabem

e então chegaste

com primaveras nos dedos
e liberdade por nome
loucas promessas insinuavas
despontaste
como quem acorda horizontes perdidos
demos as mãos
sabor de início do mundo
pendão das palavras por dizer
esta a revolução
minha bandeira por desfraldar

s. martinho do porto, setembro, 5, 1976 / lomba da maia, açores fev 13, 2011



503 ode ao ipm: a china e a lusofonia 15 abril 2011

a cabeça de jade do dragão volitava promessas
nós dançando em volta e cantando
eram portuguesas as palavras
chinesas as faces

íamos falar de lusofonias
aprendemos harmonias
hospitaleiras gentes
fazendo nossa a casa delas

trataram-nos com honrarias
lusófonos dignitários qing

deram lições de progresso
aprendemos seculares tradições
partilhamos verbos e nomes

humildes aprendizes de feiticeiros
pasmados
deslumbrados
fizemos vénias e sorrimos
cativados
fascinados
prometemos voltar

504. volitando 4 maio 2011

vieram os deuses
plantaram ilhas
onde dantes havia água
nasceu a ilha-mãe,
havia a mãe-ilha,
outra era marilha,
uma a ilha menina
outra ilha-filha
nove irmãs
filhas de poseidon e de afrodite
nascidas da espuma do mar

nos montes verdes
rugiam dragões
cuspiam chamas
tremiam os chãos
secavam ribeiras
vomitavam magma
choviam trovões
de thor filho de odin
esquecido das gentes e animais
pobres escravos e colonos
amanhadores de rochas e fomes
desbravadores de mínguas
crentes e temerosos
orando promessas seculares
criam no destino sentindo-se culpados
ainda hoje penam
liberdades que não pagam dízimos
votam com os pés da emigração
a libertação de todas as cangas
mas voltam sempre
romeiros em promessas várias
açorianos até ao tutano
sem alforrias nem autonomias
perenes escravos destas ilhas
escrevem a história que poucos leem.

505. o buda 5 maio 2011

o buda sorriu à minha mulher
descrente de orientes
e ela acreditou

queimou incenso e orou

quem sabe se a saúde cura
e a vida prospera

serena aguarda
que o buda sorria de novo

506. cultos não ocultos e cristãos maio 6, 2011

aqui não é a face oculta da lua
nem marte planeta vermelho
1627 marca a data
no templo de kun iam tong
um começo budista no delta
do rio das pérolas

aqui se celebrou em 1844
o tratado sino americano de mong há
à sombra da árvore dos amantes
sob o testemunho dos 3 budas preciosos
e a bênção do buda da longevidade e kun iam

aqui acendi o meu incenso
fiz preces em 1977
repeti votos em 2011
na esperança fundada
de os deuses estarem comigo

há momentos espirituais mágicos
este o partilhamos
com lusófonos amadores de cultos orientais
perambulando por entre crentes devotos
atordoados pelo intenso aroma
envoltos na mística exótica
como camilo pessanha ou camões
aprendizes da galiza, bulgária, alemanha,
de moçambique, açores, Canadá e Brasil
e tantos outros países
todos supersticiosamente crentes

os cristãos partiram santamente
com sacros sacos de incenso
para acenderem em altar devoto

a n. sra de fátima
ou em romagens ao santo cristo

em coloane visitaram tin hau
templo da deusa dos céus
de kuan tai (deus da guerra e das riquezas),
de lu ban (deus dos carpinteiros),
de choi bak (deus da riqueza)
de hua tuo (deus da medicina).
todos guardados por leões
e passearam pela igreja
de s. francisco xavier
com a tradicional imagem
uma deusa chinesa segurando um bebé
sinoversão da virgem maria
ponte intercultural do oriente e ocidente.

embevecidos na gruta de camões
ouviram poemas ao vivo
em fundo de dança tai-chi
uníssono com a concha e o vasco
dissonantes com o chrys e luciano
fazia calor e estava húmido
como já nem se lembravam

depois, foram em preito
a a-má, deusa do céu
em templo miscigenado
de tao, confúcio e buda
a tian hou deusa dos navegantes
preitearam no pavilhão das orações
ou primeiro palácio da montanha sagrada

não deitaram panchões
não dançaram a dança do dragão
receberam lai-si fora de época

banquetes de nunca acabar
comida de não perguntar
debateram-se com fai chi
até pedir faca e garfo

para quem lá viveu e sonhou
jamais sonhando regressar
ver macau nova e pujante
foi alegria insuspeitada
dita por chineses em lusa voz

aqui deixo a promessa
perdoa-me
quero voltar.

507 tanto mar (ao vasco) [pico, 9 agosto 2011]

entre nuvens escrevo
tanto mar
e nele flutua
 a tua prosa
tanto mar
e não cabem nele
 os teus fogos ocultos
pairando sobre as ilhas
te deram vida
 sustento
 inspiração

tanto mar,
no teu pequeno bote
prenúncio de liberdades
 cravos e rosas
 espinhos e espigas

tanto mar
tanta montanha
 vulcões por trepar
 maroiços por construir
 baleias por harpoar

pescador de palavras ilhíadas
lavrador de poemas
da prainha do pico
à heroica angra
ao choupal das letras

tanto mar
e não cabem nele
 teus livros por acabar.

508 maia [ao daniel de sá] (pico 9 agosto 2011)

das penedias da tua maia
avistas o mar
 teme-lo
 afugenta-lo
com tuas palavras
 narras histórias antigas de encantar
contas lendas de tempos que não vivi
 habito lendas que ainda não leste
escrevo o que vivo e sinto
 da janela do meu castelo
 voltado ao grande oceano
 à ilha mágica da autonomia
 em nevoeiro de s. joão
s. miguel vive em terra
 costas voltadas ao mar
 por vezes tenho de o largar

da minha lomba
o mar não temo
 nem repelo
nem suas águas em descabelo
nem suas terras de tremores
 convulsões
medos, pavores, temores

audacioso ou petulante
abro-me ao seu encanto
enleiam-me adamastores e sereias
 e me embalam

deixo-me seduzir
 sem atropelo
vogo nas ondas
 as correntes me levam
velas enfunadas
 ao sabor da maré

nem sei quantos
 dias, meses ou anos
andei marejando
 sem destino
 sem vocação

arribo noutra ilha
 mística
 mágica
abrigo-me na sombra
 de seus cumes
 vulcões endormidos

no magnético pico
crio este sortilégio
sem bruxas
 nem feiticeiras
 curandeiras
 mezinheiras
 macumbeiras

noutros tempos era astrologia
contavas tu daniel
 seus segredos sem papel
hoje é apenas
 e já
 poesia.

saravá poeta amigo

509 (maria nobody, à maria mãe, pico, 9 agosto 2011)

maria nobody
de todos ninguém

de alguém
de um só
maria nobody
com body de jovem

maria só minha
assim te sonho
assim te habito

maria nobody
de todos ninguém

maria nobody
mãe
amante
mulher
minha maria

maria nobody
de todos ninguém
nem sabes a riqueza
que a gente tem

maria nobody
de todos ninguém

maria só minha
dos filhos também
maria nobody
mais ninguém tem.

510. lancha do pico (pico, 9 agosto 2011)

lá vem a lancha
 lá vem
traz imigrantes, viajantes
memórias vãs por limar
da terra, do fogo
do tempo sem prazo
da fome e do medo
das socas de milho
das pedras por maroiçar

votaram com os pés
fizeram-se ao mar
sem botes nem baleias
para a lonjura das amercas
novas vinhas por esmoutar

voltam abonados
impantes de dólas
sem sueras nem albarcas
ao rossio do mar
lampeiros, apatacados
emigrantes mendigos
de memórias por aparar
perderam as terras
ganharam o mar

lá vem a lancha
 lá vem
a bordo não traz ninguém
picarotos perdidos
 como só esta ilha tem

comem e bebem
reveem parentes
 e gente de bem
perdidos em tempos idos
repetem saudades dos entes
sabe-se lá de quem

apadrinham festas e procissões
pagam dízimos e promessas
missas por alma de quem partiu

emigrados em amarcanas missões
lágrimas da ilha que os repeliu
do sangue fizeram vinho
do magma medraram uvas
em terra de rola pipas
debouçam bocainas, traveses e jarões
plantam casas e novos luxos
nas ilhas vazias de gente
com leiva de memórias idas

musgo de antepassados
à espera de filhos e netos
sem regressos nem partidas

lá vem a lancha
 lá vem
vazia
 já não traz ninguém

510. lancha do pico a dias de Melo 2011 versao 1

lá vem a lancha
 lá vem
traz imigrantes
do tempo viajantes
 pedintes, mendigos
 de memórias vãs
do tempo sem tempo
da fome e do medo
das socas de milho
pedras por desbatar
da terra, do fogo.

votaram com os pés
fizeram-se ao mar
sem botes nem baleias
para a lonjura das amercas
novas vinhas por desbravar

voltam endinheirados
lampeiros, impantes
de dólas sem sueras
 nem albarcas
 ao rossio do mar

emigrantes mendigos
de memórias por habitar
perderam as terras
ganharam o mar

o grande oceano
dono e senhor
de todas as gentes
de aquém e além mar

dono destes açores
aqui onde só há mar
lá vem a lancha
 lá vem
a bordo não traz ninguém
picarotos perdidos
como só esta ilha tem

comem e bebem
reveem parentes e gente de bem
repetem saudades
de tempos idos
sabe-se lá de quem

apadrinham festas e procissões
pagam dízimos e promessas
missas por alma
de quem partiu velho e só

511. na varanda 1 (à maria nini, horta, estrela do atlântico, 12 agosto 2011)

partiste e deixaste
o travo amargo da tua boca

no ar evolava a memória
do teu corpo
dos teus beijos
teu perfume
teus contornos delicados

ficaram suspensas as palavras
como balões de banda desenhada
à espera do beijo do artista

o quarto era um laboratório
de sentimentos
cheiros
cores

como a paleta de um pintor
que se levanta e vai
desenhar telas nas nuvens

na almofada a memória
dos teus cabelos da tua cabeça
deixava antever os sonhos
no suor da tua camisa
e um leve cheiro a coco
era verão
fazia calor
lençóis caídos no chão
roupa esparramada pelos cantos
e a mala aberta

sabia que voltarias
e sentei-me na varanda
a escrever esta súplica
quero repetir o batismo dos corpos
escalar teus cumes
teus montes de diáfana vénus
da minha
fantasia
utopia
ilusão
puro idílio

512. na varanda 2 (à maria nini, horta, estrela do atlântico, 12 agosto 2011)

os diáfanos véus
 pendiam na janela
 na porta
 nas paredes
translúcidos e transparentes
com eles vesti teu corpo nu

saías da cena das 1001 noites
 e era ainda dia
motivos indianos em volta
e hieróglifos nas tuas palavras

teu corpo jovem e bronzeado
teu rosto trigueiro
tuas ancas tismadas
 eram o passaporte para o lado de lá
 sem aduanas nem passaportes

teu corpo de menina catita
era a fronteira do desejo
 irreprimido
 irreprimível

mantinhas o cheiro a maresia
 nas ondas dos teus cabelos
tinhas algas nos dedos
sargaços de mil enleios
tentáculos de quentes beijos
tuas mãos desenhavam a minha geografia
e as unhas imitavam nova caligrafia
traçavas o meu mapa mundi
munchinhúndi
mundo profundo
ignoto e ignaro

adormeci ao teu colo
sonhei no teu quente regaço
embalei-me nas ondas de teus seios
também tu eras mar

assim,
 fui cidadão do teu mundo
nele fiquei

para sempre
 órfão de todas as pátrias
 refém de toda a tua volúpia

513. a uma leonor especial 24 agosto 2011

neto és avó serás
e só então a verdade saberás
do encanto frágil
das pequenas mãos que se estendem
dos pequenos olhos que te buscam
dos pequenos pés que afagas
dos regurgitantes sons que escutas
então sonharás

de novo
como sonhaste em jovem
paraísos perdidos e por inventar

regressarás a memórias esquecidas
visitarás planos arquivados
na gaveta de conquistas por subjugar
recordarás canções de embalar
com a voz embargada pela emoção
mas sem lágrimas furtivas
que os homens não choram
era assim no teu tempo
e te ensinavam a respeitar

ouvias os avós como quem escuta um deus
eles eram a fonte universal de sabedoria
bebias as palavras como quem tem sede
memorizavas nomes e lugares
que prometias conhecer e visitar

e eles tinham [quase sempre] razão
mas tu não sabias nem suspeitavas
que a saudade só chegaria depois

ter netos é recordar os filhos
corrigir erros e ausências
dispensar afagos e mimos
que já esqueceste

514. 8 anos depois para a mariana 24 agosto 2011

quando nasceste há 8 anos
era avó temeroso das palavras e dos atos
incapaz de expressar sentimentos e amores

vieste de rompante mal anunciado
irrompeste pela minha vida
sem pedires licença nem perdão

eras amorosa e delicadoce
cabelos longos e sedosos
olhos de amêndoa e voz de sereia

nada perdeste nestes anos
ganhaste um amor enorme
deste avô impiedoso e duro
quebraste a pedra e o magma
rompeste a lava de que me cerco
hoje és como uma outra filha
mais pequena e indefesa
à mercê de marés e vagalhame
espero estar cá para te ensinar a nadar

a tua doce voz embala-me
já não conto histórias de adormecer
em inglês que mal entendias
sou eu que adormeço na lonjura dos dias
na distância que nos afasta
sem perder laços que adubámos
em momentos fugazes e subtis
continuas meiga e delicada

o teu sorriso são mil sóis
e nenhuma nuvem te ensombra
brilhas noutras galáxias
e és excelente na escola

a tua voz de sereia
os teus cabelos de alga
ecoam na maré vaza

as tuas mãos de sargaços
enleiam teus avós

mergulhas nas ondas
com promessas de regressos
nesta praia te esperamos

515. a nau sem escorbuto 24 agosto 2011

arribou nesta praia deserta
a nau sem escorbuto
sem mastro nem pendão
sem carga nem marinagem
sem especiarias do oriente
nem arroz do sião ou malaca
sem pérolas de ormuz
nem diamantes da índia
sem cavalos das arábias
nem marfim das áfricas
fora de cochim a meca
de ternate a timor
sem compradores
nem lusitanos feitores

nesta açoriana praia deserta
longe do mar eritreu
há mouros e judeus conversos
cristãos por batizar

os senhores dos açores
ocupam lugares de proa
a barlavento das gentes
não vieram de calecute
nem estiveram em cipango
não cuidam da pimenta do reino
da noz-moscada, do cravo-da-índia
do açafreão, anis, gengibre e canela
não foram a banda, ceilão ou malucas

os senhores dos açores,
que não é terra de gentios
chamam-lhe sua e de mais ninguém
como samorim a regem
feitos marajás em palácios
ofertam bugigangas aos nativos
promessas vãs e eleitorais

sentado na ameia
frente à seteira
em castelo sem pendão
envio migas de letras
a todos sem literário pão
crónicas avulsas de vidas vividas
pecados sem perdão

e o povo sem saber da fome
do frio que aí vem
das vacas que se foram
do leite que não mungiram
dos campos que não araram

das colheitas que não comeram
feliz vota nos que prometem
sempre a mesma solução

lá fora há guerras sem pátrias
mutilados e estropiados
cá já temos sem-abrigo
drogaditos e malfeitores
assaltantes, meliantes
económicos dissabores
da troica que tudo leva
e cobra dívidas que herdamos
de tantos ditos senhores

não há santos que nos valham
nem procissões e andores
preces e velas acesas
romeiros de todas as dores
somos um povo infeliz e abúlico
sem sonhos nem destemores
vergados ao duro peso
de vis especuladores

da história magnânima nem sombras restam
nem bardos nem cantores
nem escribas dedicados

o povo sofrendo medos
erros grosseiros
enganos ledos
sem naus nem caravelas
sem espadas nem aduelas
sem especiarias nem língua franca
cantando fados a tétis com paixão
com futebol e telenovelas
e fé sem outra afeição

o povo escravo de novo
sofre consternado
às dívidas acorrentado
à mingua de dízimos e outros enfados
sem contar os créditos mal parados
come demagogia e paga iliteracia
santa liberdade e democracia
chora lágrimas de crocodilo
lendo jornais desportivos
com as letras aprendidas
nas novas oportunidades

o povo sofrendo fomes e enfermidades
vendia os anéis e comia os dedos
emigrava quando podia
queixava-se da sorte caipora
temia do governo as novidades

a geração rasca a parva passara
timidamente na crise despontara
bancos enriqueciam na austeridade
à custa da plebe e do suor já suado
de brandos costumes acostumado
não descera às ruas este povo
faltava-lhe força e inteligência
nem era gleba de novo
antes novos ricos da indigência

ancorada a nau fmi de novos reis
em terra de pagãos e infiéis
não daria berloques aos nativos
apenas a chibata e o chicote
as grilhetas de trabalhos cativos
sem abrigo nem culote

e um poeta solitário
no alto do seu castelo
gritava a bom gritar
mas não o ouviam as massas
sem perder tempo para se educar
e acreditavam nos seus donos
compradores de votos
com promessas a acenar

o jardim à beira-mar plantado
há muito inculto e estiolado
ia fenecendo devagar
sem gente para o cuidar
e dos vindouros muitos virão
dizer que o poeta pressagiava
o fim desta bela nação.

516. a ilha-mãe 29 agosto 2011

a ilha-mãe ficou sentada à janela
virgem e solteira
esperando o príncipe encantado
na nau do nunca mais

se penteou e vestiu
abriu a ventana
pôs a mão em pala
e olhou o mar imenso
213160 dias para ser exato

na praia do capitão na baía dos anjos
nenhum barco aportou
até um célebre quinze de Agosto,
aniversário de Gonçalo Velho na Praia dos Lobos,
em que os batéis vieram do mar
trazendo mouros infiéis

os argelinos as mulheres arrebataram
eram moeda de troca as cativas
em mercado de escravos ou resgate

chorou lágrimas amargas
e orou à senhora dos anjos
acordou com centenas de marienses
a salvo na furna de sant'ana
escondidos dos saqueadores

viu um cortejo de piratas a cavalo e a pé,
rufando tambores e tocando cornetas
em debandada para o mar

voltou para a sua janela
sonhou com príncipes enfeitados
jovens cativados do seu olhar

ainda hoje se pode ver a sua sombra esguia
em noites de maresia
acenando um lenço branco
a quem queira desembarcar

só sai à rua em dia de procissão
vestida com véus e organzas
finas cambraias sem outras iguais
senhora dos anjos
redentora da ilha-mãe

517. a ilha de todos os medos (ribeira quente, povoação, 31 agosto 2011)

uma ilha pode ser de todos
onde quer que se habite
viver na ilha é quase um naufrágio
respirar sob as águas turvas
viajar através do corpo submerso
vir à tona turbulenta
partir da ilha sem sair dela
levá-la para mundos outros
recriar a origem em qualquer destino
crenças, festas e procissões

uma ilha pode ser de todos
mas só alguns a usufruem
poucos exibem como passaporte
sem pudor de regionalismos
atraso, incultura, insucesso
secular canga feudal, ancestralidade
alheados na negação da açorianidade
vencendo na escrita fora da ilha
arrogância, ostracismo, solidão
sotaques polidos, discursos em vão

uma ilha pode ser de todos
deneguem anátemas e maldições
contra ilhanizados e açorianizados
albardem-se oportunistas da literatura
acoutados em rótulos de ocasião
enjeitem escritores renegados
tertúlias de Lisboa a Coimbra
promovam-se os que se não promovem
pedreiros do magma e lava
que sentem o que escrevem
que redigem a alma única
sabor a mar e terramotos

uma ilha pode ser de todos
merece-a quem a habita
uma ilha pode ser de todos
os livros a quem os lê
a escrita a quem a fabrica
em relação de bordo¹
na ilha de nunca mais²
raiz original e comovida³
com lágrimas de gente feliz⁴
estude-se a cor cíclame⁵
na distância deste tempo⁶

¹ Cristóvão De Aguiar

² Fernando Aires

³ Cristóvão De Aguiar

⁴ João De Melo

⁵ Maria De Fátima Borges

⁶ Marcolino Candeias

quando Deus Teve Medo De Ser Homem⁷
e era o príncipe dos regressos⁸
em a sombra de uma rosa⁹
quando havia almas cativas¹⁰
no contrabando original¹¹
estava o mar rubro¹²
de histórias ao entardecer¹³

exaltem e reeditem
o lavrador de ilhas¹⁴
nas escadas do império¹⁵
marinheiro com residência¹⁶
plantador de palavras vendedor de lérias¹⁷
que foi ao mar buscar laranjas¹⁸
e eu fui ao pico e piquei-me¹⁹
à boquinha da noite²⁰
nos silos do silêncio²¹
em a ilha grande fechada²²

era desta açorianidade
que vos queria falar
medram poetas nestas ilhas
contistas, ensaístas,
novelistas, romancistas
narradores contadores,
dramaturgos, sonhadores

deixai-me hastear a bandeira deste povo
e gritar o que lhe vai na alma

uma ilha pode ser de todos
onde quer que se habite
ninguém a ama ou deseja
como os que nela se querem
sejam nascidos e vividos,
ou apenas trasladados
com raízes que nenhum machado cortará
colhendo flores que só o poeta cantará
voando quimeras que só o vate sonhará

uma ilha pode ser de todos
onde quer que se habite

⁷ Daniel De Sá

⁸ Eduardo Bettencourt Pinto

⁹ Eduardo Bettencourt Pinto

¹⁰ Roberto De Mesquita

¹¹ J. Martins Garcia

¹² Dias De Melo

¹³ Fernando Aires

¹⁴ J H Santos Barros

¹⁵ Vasco Pereira Da Costa

¹⁶ Urbano Bettencourt

¹⁷ Vasco Pereira Da Costa

¹⁸ Pedro Da Silveira

¹⁹ Álamo Oliveira

²⁰ Dias De Melo

²¹ Eduíno De Jesus

²² Daniel De Sá

deixai que a chame minha
quero-a só para mim
mãe de todas as filhas
mar de todas as ilhas
ela pode ser de todos
a ilha de todos os medos

518. NIGEL TURNS 15

os filhos são como as ilhas
ainda ontem nascente rato e careca
sonho há muito sonhado
promessas de séculos adiadas
sem nos darmos conta medraste
por entre as silvas e cardos
de malas às costas como o caracol
ser filho de professora
é ser caixeiro-viajante sem eira nem beira
hóspede de cidades, aldeias e vilas
desfazer amizades como quem respira
tentar manter laços numa distância
criar novos elos faces novas
aprender sotaques e maneiras
perder o medo e criar confiança
no desconhecido, no novo
aprender lições em ritmo de maratona
sem tempo para parar
para ver crescer as sobrinhas
longe de avós, tios e primos
enquanto crescias e eram dores difíceis
os pais a avelhentarem
sem fôlego para a tua juventude
irreverente, impaciente, ambiciosa
sempre a queres tudo e já

os filhos são como as ilhas
não há continente que as segure
acordam no meio dos oceanos
e é só mar e ar
por vezes fogo e tremores
que a terra nunca é firme

os filhos são como as ilhas
nasceram para viverem longe
cresceram distantes e apartados
e quando damos conta
já se fazem ao mar
na esperança de um dia voltar
e há sempre esta tristeza
a falta de tempo partilhado
as brincadeiras que não se tiveram
as conversas que não falamos
as desobediências infindas
os ralhos e os castigos
e a dor imensa de saber
que quando te fizeres ao mar
não ficaremos em terra para sempre
nem estaremos no cais a acenar
connosco apenas a memória
dos momentos bons e felizes
dos orgulhos nos teus atos
das pequenas conquistas

quando foste mais velho do que eras
ajudando no que sabias e podias
justificando aquilo em que críamos
apartados ficaremos de ti
como longe estamos dos outros
todos filhos e netos à distância de um mar

os filhos são como as ilhas
não há continente que os segure
crescem em novas pátrias
e nós sem forças para nadar
impotentes e velhos
sem remos para velejar
ficamos no cais à espera
de um bote ou avião
uma carta, um telefonema
ou imagem MMS ou Skype
desfolhando álbuns de fotos antigas
recordando momentos e locais
em que éramos família e una
e precisavas de nós
nem sempre é triste envelhecer
pesaroso é não o aprender ledo
temos de aprender a permanecer
alegres e vaidosos quando nos deixam
felizes na nossa missão
certos de que um dia voltarão

os filhos são como as ilhas
adoram estar no mar
deixemo-los navegar
e descobrir que os continentes
não são feitos para nadar

520. a criação do mundo 12-9-2011

deus sentou-se no rochedo do ilhéu de são lourenço
contemplou o presépio que acabara de construir
criou um porto e algumas grutas
parou em santa bárbara e pintou-a de azul
seguiu viagem pela baía do cura
ponta do cedro e do castelete
na maia criou cascatas e deixou um archote aceso
para que soubessem que o paraíso era aqui
aplainou terras férteis em santo espírito
alisou as areias na praia que ficou mui fermosa
subiu à malbusca e almagreira
plantou um jardim de éden nas fontinhas
e parou no pico alto a observar
as aves que voavam sobre o tagarete
virou-se para a direita e idealizou baías
do raposo, da cré, dos anjos e dos cabrestantes
deixando outro archote na ponta dos frades
em duas passadas foi ao ilhéu da vila
em frente às ribeiras quedou-se à espera

adormeceu profundamente
ainda hoje se espera o seu regresso

521. pitt meadows kwanza açores, ao eduardo bettencourt pinto 22 setembro 2011

nasceste na savana com pés de basalto e lava
viveste na terra dos grandes desertos da África meridional
mas o teu rio é kwanza que acaba aos pés de Luanda
terra de surf na bela baía
teu nome é de magma ancestral
nasceste do fogo e da água
com raízes na ilha-mãe que buscas entender
teu nome não é pradaria em Pitt Meadows
mas belos trigais na British Columbia
zona alagadiça de deltas e lagos
Maple Ridge e o rio Pitt são teus parceiros
mas não esqueces o calor de África
nem a humidade arquipelágica
divides a vida entre amores e pátrias distantes
fazes da escrita uma fotografia
já que não retratas a poesia
mas algo nos une que não as palavras
o mar imenso que nos separa

522. politicamente incorreto [24 setembro 2011]

hoje apeteceu-me ser sopeira e botar-me à janela
ver os magalas a passar sem cravos na lapela
mas nem eu era sopeira nem havia magalas nas ruas

hoje apeteceu-me ir para a rua e ficar na esquina
de tacões altos e minissaia vermelha
bolsa de lantejoulas, batom e rímel
nem um só carro parou não havia clientes para aviar

hoje apeteceu-me ser dona-de-casa
ficar em casa a ver telenovelas
couch-potato a comer e beber até fartar
mas já não havia casa nem televisão
os fiscais do IRS levaram tudo

hoje apeteceu-me faltar às aulas
fazer gazeta e ir à praia
mas ninguém me marcou falta
ninguém chamou os meus pais
e é proibido “chumbar”
hei de voltar à escola lá para o natal
carnaval ou nas férias da páscoa
neste país ninguém leva a mal

hoje apeteceu-me roubar um multibanco
fugir com o dinheiro para longe
esqueci-me da botija de gás
mas a máquina não rebentou
nem a RTP apareceu
nem havia câmaras ocultas
nem dinheiro no ATM

hoje apeteceu-me fazer tudo isto
transgressor tardio
rebelde da terceira idade

queria tresloucar
chamar a atenção do mundo
mas nada é novo nem ousado
tudo foi feito e experimentado
e o mundo ocidental bateu no fundo

imaginava os jornais amanhã
sexagenário na senda do crime
a família chocada vizinhos incrédulos
a parentela ignora-me
os vizinhos não me conhecem
e já ninguém lê jornais

então sentei-me à secretária
e fiz a única coisa que não aprendi

mas sei
escrever
com raiva, convicção,
como poepateta peripatético

ninguém deu conta
nem mesmo quando a casa foi abaixo
para dar lugar a mais uma estrada

ninguém sentiu a minha falta
ninguém lamentou a ausência
ninguém deixou de me ler

e agora, pergunto
com que cara me vou levantar amanhã?

523. A PAZ ZEN DO EDUARDO (BETTENCOURT PINTO) 16 outubro 2011

não esqueço as tuas palavras
o tom suave das tuas falas
lavrador de verbos
com medo de ferir as terras
arando sentenças
como se fossem seres vivos

estás de bem contigo e com o mundo
pacifista de vocábulo fácil
nem na imagética és agressivo
entras a medo
como quem pede desculpa
e sais fotografando
sorrateiro para não incomodar o ar
que respiras sem sofreguidão

tens o sofrimento e a dor
em sulcos profundos na alma
reclusos da poesia
que ainda não escreveste
prisioneiros invisíveis
carregas a dor de muitos mundos
oculta em véus diáfanos

falas mansamente para não ofender
lentas palavras na construção do mundo
não acalantas raivas ocultas
dialogas com as tuas fotos
condescendes com os humanos
partilhas a felicidade
de estar e de ser
únicas certezas que transportas
mas também sorris
como a criança que não foste
como o adolescente que não pudeste ser
como o jovem adulto que te obrigaram a viver
convertes mágoas em alegrias
partos difíceis e resignados
alquimias de amarguras

das aves sabes o voo tangencial
das plantas o ciclo vital
das ondas que são o teu leito
avistas as estrelas que te alimentam

a poesia é questão de minorias
só os privilegiados leem
menos ainda a entendem
dizem que escrevê-la é fácil
mas difícil é o que fazes
vives a poesia no teu dia-a-dia
a ti, irmão da palavra

obrigado por acreditares
em ti, como em Gedeão
o sonho comanda a vida

(ah! como eu gostava

de ser poeta

viver outras vidas

utopia).

524. reinvenção do amor, a daniel filipe, 18 outubro 2011

o pássaro descreve o seu voo
na senoide deste tempo
a voz e a palavra são campos floridos
evocam verdes infâncias

é preciso inventar o amor
com caráter de urgência
dizia Daniel Felipe

mas são precisos homens e mulheres
dispostos a amar
capazes de ouvir e perdoar

os sentimentos podem esfriar
mas não se gastam
nem devem ser mudados
com a frequência das camisas
não são fraldas descartáveis

precisam de ser regados
com a humidade das neblinas
e o orvalho das lágrimas
neste deserto com vozes

a felicidade é um mito
o mundo é um inferno
a paixão uma utopia

e tu acreditas, meu amor?
andam pássaros à solta nos jardins de Eros

525. Galiza como Hiroshima mon amour, nov 11, 2011

acordaste e ouviste o teu hino
bandeira desfraldada ao vento
ao intrépido som
das armas de breogán
amor da terra verde,
da verde terra nossa,
à nobre lusitânia
os braços estende amigos,
desperta do teu sono
pega nos irmãos
caminha pelas estradas
ergue bem alto a tua voz
diz a quem te ouvir quem és
orgulhosa, vetusta e altiva
indomada criatura
nenhum poder te subjugará
nenhum exército te conquistará
nenhuma lei te amiquilará
és a Galiza mon amour

526. famosos e ignorados 16.11.2011

I
hoje ia na marginal com pauleta, o açor
todos paravam pedindo autógrafos
quando passeei com nemésio todos ignoraram
se fosse toni carreira ou quim barreiros
o trânsito parava, mas escritores?

nem uma réplica de camões
faria virar os olhos dos transeuntes
tenho orgulho nos portugueses
em casa de cegos sinto-me rei

II
na maia, daniel de sá é o professor
poucos o conhecem como escritor
no pico da pedra cristóvão é ignorado
onésimo apenas lembrado

vasco p. da costa é da terceira
com costela picarota
mas é em coimbra que tem a eira

joão de melo virou mundial
desconhecido na achada atual
caetano nasceu na fajã grande das flores
mas é em cambridge eua que tem seus amores

e eu que nasci no porto
sou poeta da Galiza
tradutor na terra dos cangurus
se bem que do castelo jamais saía
sou cronista dos açores
e escritor da lombada da maia

527. Leonor sem verdura nem frescura 16.11.2011

Luís Vaz de Camões

**Descalça vai para a fonte
Leonor pela verdura;
Vai fermosa, e não segura.**

**Leva na cabeça o pote,
O testo nas mãos de prata,
Cinta de fina escarlata,
Sainho de chamelote;
Traz a vasquinha de cote,
Mais branca que a neve pura.
Vai fermosa e não segura.**

**Descobre a touca a garganta,
Cabelos de ouro entrançado
Fita de cor de encarnado,
Tão linda que o mundo espanta.
Chove nela graça tanta,
Que dá graça à fermosura.
Vai fermosa e não segura.**

Chrys Vale Tostões

**Descalça vai para a farra
Leonor pela noitinha
Vai trémula pela cocaína**

**Leva preservativo na calcinha
Pílula do dia seguinte na bolsinha
Tanga de fina seda encarnada
Minissaia de cabedal rascote
Não usa sutiã no decote
A pele branca que nem neve pura
Vai trémula pela cocaína**

**Cantarola já rouca a garganta
Cabelo desgrenhado
Bandolete china de plástico usado
Tão pedrada que a todos espanta
Engole o ecstasy de graça tanta
Que dá graça à pouca gordura
Vai trémula pela cocaína**

528. ah como eu gostava 16/11/2011

portugal lembra o filho ingrato
que sai de casa levando as malas
cresce como um sem-abrigo
vivendo de expedientes
sujo, maltrapilho e destituído
mas orgulhosamente só e independente
altivo olha a galiza do tempo dos aguadeiros
da pobreza, fome e sofrimento
e sente-se superior
não reconhece pai ou mãe
nem partilha um cobertor
comporta-se como assaltante
aliado ao invasor
esqueceu a história e perdeu os genes

ah como eu gostava de ser galego

529. homenagem a Natália Correia 29 novembro 2011

hoje
decididamente
vou escrever um poema
dedicado aos feriados
que nos roubaram
decreto
que todos os dias
feriados sejam abolidos
os dias da semana
também
e para não esquecermos
tais dias e feriados
se comemorem todas as datas
ao domingo

e seja domingo todos os dias

(e se nos convertermos ao catolicismo
não poderemos trabalhar ao domingo)

*em homenagem a Natália Correia
Poema destinado a haver domingo*

...

*Deixem ao dia a cama de um domingo
Para deitar um lírio que lhe sobre.
E a tarde cor-de-rosa de um flamingo
Seja o teto da casa que me cobre*

*Baste o que o tempo traz na sua anilha
Como uma rosa traz abril no seio.
E que o mar dê o fruto duma ilha
Onde o Amor por fim tenha recreio.*

Natália Correia, Poesia Completa, Publicações Dom Quixote 1999

531. lendas da minha galiza 11 dez 2011

Galiza és tão especial
quando sorris
por que não sorris sempre?

és tão bela
quando ris com gargalhadas cristalinas
por que não ris sempre?

és tão amorosa
quando falas e cicias
por que não falas sempre?

no meu quintal tenho um poço
sempre cheio de palavras
onde vou buscar inspiração

é lá que busco amores
como se fora o monte das Ánimas
na era dos Templários
quando os cervos eram livres e não havia lobos

foi lá que aprendi a tua história
depois de Ith filho de Breogán
ir à Torre de Hércules
divisar Eirin a Verde

morto Ith, perdidas as Cassitérides
aprimados os Ártabros
resta visitar Santo Andrés de Teixido
duas vezes de morto
que não o visitei uma de vivo

e esta história queda silente
nos livros e na memória dos velhos
por que não a aprendem os nenos?
agora que o rio Minho passa caladinho
para não despertar os meninos

hoje quando fui ao poço
encontrei-o seco e mirrado
sem um fio de água sequer
não havia pardais nas árvores
nem flores no jardim
senti o coração trespassado
as lágrimas secaram-me
afincado no chão
atopei umas Meigas
a dançar com o Dianho
foi então que o vi, o Chupacabras
estandarte de Castela

não mais haveria fadas ou sereias
cronópios e polinópios
vou juntar ferraduras, alho e sal
colares de conchas e tesouras abertas
esconjuro-vos ó meigas castelhanas
que me salve o burro farinheiro
vou ao banho santo em Lanzada (sansenxo)

hei de te encontrar minha moura encantada
não tenho medo de travessuras de Trasgos
nem Marimanta ou Dama de Castro
sem temor d Santa Companha
nem do Nubeiro vagueando
entre tempestades e tormentas

hei de te encontrar minha moura encantada
e brotará água do meu poço
escreverei os versos e serão mágicos
erguerei a tua flâmula
no poste mais alto e cantarei
Galiza livre sempre

532. genevieve 13 dez 2011

genevieve era nome de mulher
um restaurante japonês
no meio de chinatown
sorrisos largos e astutos
mansos como o rio minho
olhos profundos amendoados
como o canon do sil
prometia ribeiras sacras
seios amplos acolhedores
como as rias baixas

genoveva da galiza
amazona cem sidney
um pai na argentina
uma mãe em paris
com saudades de arousa
promovia sushi com saké
loucas bebedeiras em galego

533. concha é nome de guerra 13 dezembro 2011

para ti não há música nem dança
apenas as artes marciais
guerrilheira de montes e vales
urdidora de emboscadas
sob a copa das amplas árvores
brandes teu gládio de palavras suaves
não usas as falas do inimigo
vingas a dor de seres galega

a montanha que herdaste sozinha
prenhada de mar na ilha dos nossos
o povo desaparecido da Rousia aldeia
esse recanto insuspeito ao virar da raia
onde fui a férias em 2005 sem te saber
eu que nasci galego do sul
sendo galego de Celanova
apartado de meus irmãos e irmãs
séculos de história ao desbarato
distavam mares que nunca navegámos
montes que nunca escalámos
estrelas que jamais enxergámos
até um dia em que surgiste
vestias azul e branco orlada a ouro
estandarte do nosso reino
ciciavas liberdades por atingir
sonhos por realizar
brandias a tua utopia
numa mesma lusofonia

534. açorianices 13 dez 2011

disseram para falar de hortênsias
plantar a palavra mar e algum sal
lugares comuns de bruma
azáleas, camélias, novelões,
conceiras, milhafres e cagarros
e assim se cria um escritor açoriano

houve mesmo quem acreditasse
autores nasceram assim
nas ilhas e na estranja
ganharam prémios, foto no jornal
o governo pagava e promovia
era uma primeira açorianidade

desta janela de neblina
avisto o mar em desalinho
mas sem hidranjas
nem açores a esvoaçar
nem vacas alpinistas
não terei nome no basalto

cantarei o arquipélago da escrita
sem títulos nem honrarias
sem adjetivos telúricos
sem versos de rima quebrada

não é açoriano quem quer
mas quem o sente.

535. são miguel scut²³ 13 dezembro 2011

esventraram a ilha verde
abriram montes e vales
plantaram asfalto e pontes
as maiores e mais altas
trouxeram o progresso
a décima ilha perdeu a magia
sem índias nem especiarias
nem índicas travessias
adamastor dissipado
o nordeste á já aqui.

²³ estrada sem custos para o utilizador

536. elegia à AGLP 16 dez 2011

viver numa ilha é prisão
sair dela é impossível
nem com a velocidade da chita
nem com a força do elefante
nem com o mergulho do cachalote
de nada servem passaportes
nem vistos consulares
só água nos rodeia
preciso saber nadar

viver na Galiza é prisão
sair dela é possível
mas não elimina os carcereiros
não abate as grades do cárcere
não liberta do cativoiro
mas nas árvores de NottinGaliza
há sempre uma Concha dos Bosques
ou um Ângelo Merlim
um Joám Pequeno Evans Pim
um frei Tuck Montero Santalha
e seu bando de lusofalantes
maneja o arco
invencível besta da lusofonia

537. a nódoa 17 dez 011. (à isabel rei)

as nódoas da guerra civil
não saem com detergente castelhano

trouxeste no ventre
os bastardos de tuas violações

enterraste parentes
mortos por terem ideais

as lágrimas que choraste
adubaram teus campos

calaste as dores e humilhações
enquanto pilhavam teus tesouros

ensinaram-te a língua do invasor
mas cantaste vilancetes
lembraste a alvorada de Rosalía
descobriste o arquivo Valladares
plangeste a tua guitarra

para sentires a liberdade
tens de sair do teu país
para falares a tua língua
tens de visitar o passado

quando cantarás a liberdade?

538. És tu Calíope? Lomba da maia 7 fev 012

este céu não tem estrelas
para criarem uma primavera
apneias múltiplas
nuvens em perpétuo movimento
ora te escondem ora te revelam
mística aparição
mera invenção
de quem sonha despertar
...
nestas ilhas irreais
paradas no tempo e no espaço
suspensas de tradições
de mitos e medos e
tremores tremuras terremotos e vulcões
acordar no éden é um delírio
de húmidos dilúvios e verdes pastagens
vacas alpinistas e mulheres disformes
baleias nos mares e cachalotes em terra
vítimas de abusos silentes
encobridoras de pedófilos
beatas intransigentes
costumes que tudo desculpam e encobrem

foi então que surgiste
ninfa ou musa
irmã gémea de Calíope
retirada das águas ²⁴ ارسى أوو
mais profundas desta atlântida
e me enleaste nas tuas melopeias

celebrámos um parto louco
de amores impossíveis
num cais improvável
areais negros sem sargaços
ao doce som do marulhar
da melancolia dos cagarros
triste cântico evanescente
neste céu sem estrelas
eras já sol ou cósmica tempestade

foi assim que me perdi na tua galáxia

539. destino ilhéu, lombada da maia 11 fev 2012

olhei para o espelho dos dias
e vi-te partir
silente como chegaras
sem sorrisos nem lágrimas
vestias um luar sombrio
deixavas vazio o leito
num luto antecipado
agarrei as nuvens que passavam
levado na poeira cósmica
carpindo dores antigas

acordei sobressaltado
o livro da vida nas mãos
o livor nas faces
o fim há muito antecipado
ficar era o destino
sem levar as ilhas a reboque

será esta a sina ilhoa?

540. maria nini 26 março 2012

maria nini
que seria eu sem ti?
deste sapatos aos descalços
cavalgaste um epaminondas
tocavas piano
no liceu falavas francês
pingavas amor aos desvalidos
a tua casa era um canil
de gatos e desamados

maria nini
que faria eu sem ti?
adestraste alunos e professores
ensinaste filhos teus e doutrem
cresceste em lisboa
foste mulher no porto
casaste na austrália
mataste saudades em caminha
emigraste para bragança
foste ao canadá, brasil e macau
falhaste o alasca, coreia e taiwan
atingiste o cansaço nos açores

maria nini
quem amaria eu sem ti?
agora no ocaso da vida
dedilho esta cítara triste
cansado de alegrias muitas
parabenizo teus anos
de vida e de casada
nunca me arrependo
enquanto estiveres aqui
maria nini
como viveria eu sem ti?

541. joana félix poeta feliz que não fénix 27 março 2012

joana caminhava
nas negras areias
carregava a pesada cruz
dos sapatos do pai

não deixava pegadas
na leveza do seu ser
era onda era maré
maremoto de palavras
figura gentil e frágil
caravela de mil descobertas

escrevia amor
nas entrelinhas do pai
acordou e era poeta
na leveza do seu ser
por mérito próprio
nascera de novo
joana de mil sorrisos
porto de mil abrigos
cais de mil partidas

estas as palavras que eu disse
e joana se fez livro e partiu
à descoberta do mundo
que era seu como o infinito
neste rio sem margens
nascido na praia com aban
trazia nos cabelos a brisa do mar
e nos lábios as cerejas geladas do japão
dizia que depois de escritas as palavras tinham vida
mas ainda não tinha aprendido a vivê-las
com os anjos que habitam na terra

542. pirata sem cara de mau (17 anos de casados) 27 março 2012

desenhaste amor com traços lentos
no quadro negro de alvo giz
na aula só eu prestava atenção
seguia os traços como quem segue
os contornos do teu corpo
montes, vales e rios
como se fora um mapa
eu era o oceano
tu eras a terra firme
lancei âncoras e amarras
este era meu porto seguro
encontraste-me no bar de chegada
prometias girassóis
campos de feno a ondular
caminhavas leve e trigueira
ainda hoje me procuram
gritaram homem ao mar
quando era marinheiro em terra
vogo nas tuas ondas e marés
desfraldei a bandeira de corsário
aprimosámos tesouros infindos
piratas de um amor só

543. ao urbano Bettencourt 2 abril 2012

urbanamente vives
nas pinceladas das tuas palavras
a tua paleta pinta poesia
teus livros erguem-se impantes
como teu Pico natal
amores e desamores de ilhas
que unes em pontes de poesia
que sentes em dores
que pariste em árvores
sem sombras nem véus
nenhuma luz apagarás!

544. ao eduíno de Jesus 2 abril 2012

as tuas palavras esguias
insinuam-se enleantes
preenchem os nichos do silêncio
em silos de poesia
buriladas em filigrana
sente a ilha e a língua
nelas aprendi a geografia
e o amor inconquistado
sem silêncio nem silos

